

## **PRODUTO EDUCACIONAL**

### **OBJETO DE APRENDIZAGEM**

THAISA MARIA DE OLIVEIRA

- **Oiá- Vamos falar sobre mulheres?**
- **Vários mundos a conhecer num continente apelidado de África**

O produto educacional (Oiá - Vamos falar sobre mulheres?), surge da necessidade de saber mais sobre a cultura africana e afro-brasileira, nesse sentido propõe-se um quiz que traz mulheres negras e suas conquistas e lugares no continente africano afim de construir um conhecimento e imaginário positivo sobre a cultura preta.

Há ainda a possibilidade de utilizar o nome do jogo para fomentar a pesquisa e acerca das religiões de matriz africana ou afro-brasileiras.

Este objeto de estudo tem como objetivo fornecer elementos que contribuam para uma educação decolonial, o que significa que ele oferecerá estratégias para o desenvolvimento de currículos que abordem o legado colonial e o seu impacto na sociedade moderna de forma lúdica. Somado a materiais sobre teorias decoloniais, história, cultura, literatura e arte que abrangem várias culturas e grupos étnicos será grande aliado da prática pedagógica.

É importante que as pessoas se envolvam, façam parte da discussão e se conscientizem sobre a realidade que atinge pessoas de raças diferentes. Além disso, é preciso que haja educação e sensibilização, para que as pessoas saibam quais são os direitos iguais e quais as violações que ocorrem. Por fim, é necessário que as medidas de combate ao racismo sejam implementadas, sejam elas políticas públicas, ações de empresas ou educacionais.

Há diversos personagens que trazem histórias de luta, superação, construção científica, porém a escolha de mulheres se dá pelo lugar ocupado pela mulher negra dentro da sociedade sendo a base da pirâmide, nós (mulheres

pretas) não apenas sustentamos essa pirâmide, somos vítima dela também, vítimas de desigualdades de renda, desemprego, discriminação, acesso limitado à educação, saúde e segurança. Além disso, elas são frequentemente expostas ao assédio sexual, violência doméstica e outras formas de violências. Isso tudo tem consequências profundas para o bem-estar dessas mulheres e para sua capacidade de participar plenamente da sociedade.

Mulheres negras têm lutado por direitos iguais desde o período da escravidão, quando ocupavam postos de liderança em revoltas e organizações políticas. Após a abolição da escravatura, a participação feminina na luta pela equidade racial se intensificou, com cada vez mais mulheres se envolvendo em movimentos sociais, culturais e políticos. Atualmente, é possível ver como mulheres negras estão lutando pela igualdade de direitos e oportunidades. Elas estão lutando contra a desigualdade racial, as desigualdades de gênero e a discriminação. Estamos lutando para que nossas vozes sejam ouvidas e seus direitos sejam respeitados. Lutando por um futuro melhor para si e para as gerações vindouras.



figura 01 – Antonieta de Barros.

No âmbito político, a participação de mulheres negras passou por um longo processo de desenvolvimento. Inicialmente, foram frequentemente excluídas dos círculos políticos e das discussões sobre as questões raciais, mas, ao longo dos últimos anos, tem sido ampliada. Muitas mulheres negras têm se destacado na luta por igualdade racial, tanto dentro como fora do Congresso Nacional. Algumas destas mulheres são a deputada federal Benedita da Silva, a ex-ministra da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial Luiza Bairros, a professora Fátima Nunes, a ex-deputada federal Benedita da Silva, a senadora Marta Suplicy, a deputada estadual Marielle Franco e a deputada federal Conceição Sampaio. Além disso, muitas mulheres negras têm se destacado nos movimentos sociais de direitos humanos, especialmente no movimento negro. Entre elas destacam-se a escritora e ativista Ruth de Souza, a militante Zumbi dos Palmares, a ativista e presidente nacional da União Nacional dos Estudantes (UNE) Mayra Dias, a atriz e defensora dos direitos humanos Taís Araújo, a ativista e presidente da União Brasileira de Mulheres (UBM) Valquíria Santos e a ativista e presidente do Movimento de Mulheres Negras do Brasil (MMN), Drielle Valadão. A participação de mulheres negras na política brasileira tem sido determinante para a consecução de direitos humanos, para a defesa de políticas de desenvolvimento justo e para a luta pela equidade racial e de gênero. Como tais, elas continuam sendo fundamentais na construção de uma sociedade mais justa e democrática. A Constituição de 1988 foi elaborada na Assembleia Nacional Constituinte, que contou com a participação de diversos movimentos sociais – dentre eles, os movimentos negros. Estes movimentos foram fundamentais para que o racismo passasse a ser considerado crime, pois levaram ao debate o mito da democracia racial, que afirmava que a desigualdade racial já havia sido superada e que os direitos iguais já eram plenamente garantidos para todos.



figura 02 – Esperança Garcia.

A participação dos movimentos negros foi essencial para que o racismo fosse criminalizado na Constituição de 1988 e para que fosse reconhecido o direito de igualdade de todos os cidadãos. Dessa forma, nesse processo, o engajamento feminino foi importante para que os direitos iguais fossem garantidos e para que houvesse um debate franco sobre as desigualdades raciais. Esses movimentos lutaram desde a década de 1970, com diversas ações para denunciar as discriminações sofridas por homens e mulheres negros. Nessa luta, as mulheres negras tiveram um papel fundamental, pois foram elas que trouxeram à luz o racismo estrutural e o preconceito contra o negro. Além disso, as mulheres negras tiveram um papel fundamental na luta pela igualdade racial, pois elas foram as principais responsáveis por levar às autoridades públicas os casos de discriminação racial, além de organizar manifestações e lutar pela inclusão dos negros na sociedade. Portanto, podemos afirmar que o engajamento feminino foi fundamental para a criminalização do racismo na Constituição de 1988.

Uma das formas mais comuns nas quais essa violência se manifesta é a invisibilização da vida e das experiências das mulheres negras, que são raramente retratadas nos meios de comunicação, na cultura e na educação, o

que contribui para a perpetuação de estereótipos. Outro problema que afeta as mulheres negras é o acesso desigual aos serviços de saúde, à educação e à segurança, bem como a discriminação nos locais de trabalho, que reforça as desigualdades econômicas. Além disso, há também a violência doméstica, que é muito mais frequente entre as mulheres negras, que são muitas vezes vítimas da violência do parceiro, mas enfrentam barreiras culturais e políticas para denunciar o abuso. Por fim, as mulheres negras também sofrem discriminação nas questões relacionadas à sexualidade e à reprodução, como aborto, contracepção e doenças sexualmente transmissíveis. Esses problemas são sintoma de uma sociedade que continua a desvalorizar as mulheres negras e suas experiências, e é preciso que sejam feitos esforços para mudar essa realidade. É necessária a implementação de políticas públicas que visem garantir o acesso igualitário aos serviços de saúde, educação, segurança e empregos; e a criação de canais de denúncia eficazes para as vítimas de violências domésticas.



### **JOGO EDUCACIONAL: Oiá- Vamos falar sobre mulheres?**

A Pedagogia Histórico-Crítica é uma abordagem educacional que incentiva a reflexão crítica dos alunos sobre as relações sociais. Ela destaca

o papel da educação na construção de um mundo mais igualitário e justo e busca o desenvolvimento de competências e habilidades que propiciem o protagonismo dos alunos na construção de um mundo melhor. Esta abordagem pode ser usada no combate ao racismo, pois incentiva o diálogo e a compreensão entre as diferentes culturas, bem como a conscientização sobre os desafios que ainda precisam ser enfrentados para construir um mundo mais justo e igualitário. Além disso, ela busca desenvolver o pensamento crítico dos alunos, para que eles possam compreender melhor as raízes e as consequências do racismo e possam atuar na superação das desigualdades. A Pedagogia Histórico-Crítica também destaca o papel das atividades práticas e dos estudos de caso na construção de um ambiente educacional mais inclusivo. Estas atividades proporcionam ao aluno um melhor conhecimento sobre a realidade social e a possibilidade de refletir sobre as desigualdades que ainda existem. Além disso, elas possibilitam o desenvolvimento de habilidades de negociação, resolução de conflitos e trabalho em equipe, que são fundamentais para a superação do racismo.

Propõe-se uma sequência didática em acordo com a metodologia da pedagogia histórico crítica para abordagens antirracistas:

1. Introdução: Introduzir a Pedagogia Histórico-Crítica e discutir os conceitos de racismo e discriminação.

2. Entendendo o racismo: Explorar os fatores históricos e sociais que contribuíram para o racismo e as consequências da discriminação racial.

3. Conhecendo o contexto: Refletir sobre as representações sociais de raça e identidade e sobre as formas de discriminação racial na escola.

4. Relevância da educação antirracista: Discutir sobre como a educação antirracista pode auxiliar na promoção do diálogo e do respeito à diversidade étnico-racial.

5. Estabelecendo práticas antirracistas: Refletir sobre as práticas pedagógicas e curriculares que podem ser adotadas para desconstruir narrativas racistas.

6. Conclusão: Apresentar a importância da educação antirracista para a construção de uma sociedade inclusiva e justa.

Oportunizar aos alunos conhecimentos sobre o continente africanos, suas múltiplas culturas e linguagens, organizações sociais.

A África é considerada o berço da ciência e da tecnologia porque foi o local de origem de algumas das primeiras civilizações do mundo. É aqui que se encontram algumas das mais antigas evidências de escrita, matemática e astronomia, que foram fundamentais para o desenvolvimento da ciência e da tecnologia. Além disso, a África também foi a casa de muitos dos pioneiros da ciência moderna, como o filósofo grego Pitágoras, o matemático egípcio Euclides, o astrônomo grego Arquimedes e o cientista muçulmano Al-Khwarizmi. Esta história de contribuições científicas e tecnológicas faz com que a África seja reconhecida como o berço da ciência e da tecnologia.

Há evidências de que o Homo Sapiens tenha surgido no continente africano, fragmentos de ossos encontrados na Etiópia, em Herto e em Omo Kibish, dois crânios com idade estimada em 160 mil e 195 mil anos. Esses achados foram acompanhados de outras escavações que também apoiaram a teoria de que o Homo sapiens surgiu na África. Em Jebel Irhoud, no Marrocos, foram encontrados restos de ossos humanos com cerca de 300 mil anos. Além disso, outros fragmentos de ossos humanos foram encontrados no Vale do Rift, na Tanzânia, que têm cerca de 195 mil anos. Esses achados, junto com outros achados de ferramentas e outros artefatos nas mesmas regiões, fornecem evidências convincentes de que o Homo sapiens surgiu na África há milhares de anos.

A etnomatemática é um campo de estudo interdisciplinar que se concentra na interseção entre cultura e matemática. Trata-se de um estudo sobre como os sistemas culturais expressam, interpretam e usam a matemática em diferentes contextos, como a escola, o trabalho, a família, as relações interpessoais e a vida cotidiana. Esta abordagem tem como objetivo entender como os fatores culturais afetam o ensino e o aprendizado da matemática. O foco da etnomatemática é compreender como e por que as pessoas usam a matemática para resolver problemas cotidianos, explicar e compartilhar ideias e criar significados.

O Antigo Egito foi o primeiro a desenvolver sistemas matemáticos sofisticados. Os egípcios criaram o sistema de numeração decimal, que ainda é usado hoje. Eles também usavam cálculos para medir a área das terras, para calcular a taxa de juros e para calcular a altura das pirâmides. Já no Império Babilônico, o desenvolvimento da matemática foi ainda mais avançado.

Os babilônios criaram o primeiro sistema de escrita matemática, que usava símbolos para representar números, operações e outros conceitos matemáticos. Eles também desenvolveram a primeira tabela de multiplicação. A partir disso, muitos outros povos desenvolveram mais a matemática. Os gregos, por exemplo, criaram o sistema de geometria que ainda é usado hoje, enquanto os árabes aprimoraram os sistemas de numeração e desenvolveram a álgebra. A matemática foi desenvolvendo ao longo dos séculos, e hoje é usada em muitas áreas da vida cotidiana, como finanças, engenharia, medicina e tecnologia. É uma das principais ferramentas usadas para entender o mundo moderno.

Além disso, a África tem uma longa história de matemática, geometria e engenharia. Por exemplo, o povo Nubiano desenvolveu uma matemática avançada para o uso em agricultura e navegação. Os Maasai também usavam matemática para a realização de cálculos de posse de terras. Os antigos egípcios eram especialistas em geometria e engenharia para a construção de estruturas, como as famosas pirâmides. Outro exemplo é a cultura Zulu, que usou matemática aplicada para a construção de estações de armazenamento de água, e também para a previsão de condições climáticas. Os Dogon, por sua vez, desenvolveram cálculos para a previsão de eclipses. Por tudo isso, é possível afirmar que a África possui uma longa história de conhecimento matemático, geométrico, e de engenharia. Desde os tempos antigos, a África tem desenvolvido habilidades nestas áreas, o que é um reflexo de seu grande conhecimento e da excelência em matemática, geometria e engenharia, as pirâmide do Egito são um exemplo que revelam essa relação, monumentos construídos 2.700 anos a.C.

A África também possuía conhecimento sobre astronomia. Neste caso, a astronomia era usada para fins religiosos e de previsão de tempestades. Os principais observadores eram os babalawos, que eram os “pai dos mistérios”. Eles usavam astronomia para prever a chegada das estações e a chegada de tempestades. Os babalawos também usavam a astronomia para prever as águas altas do rio Nilo, que eram importantes para a agricultura.

Havia experimentos na medicina egípcia sobre o interior do corpo humano, cerca de 3.000 a.C, Imhotep já utilizava conhecimentos médicos e cirúrgicos nesse período (SOUZA e MOTTA, 2003; NASCIMENTO, 1996). Além de Imhotep, outros egípcios também contribuíram para o avanço do



conhecimento médico. Por exemplo, para a compreensão da anatomia, o médico egípcio Dzêr foi um dos primeiros a realizar dissecações de cadáveres humanos. Os antigos egípcios também descobriram muitas doenças, como a malária, e descreveram sintomas comuns, como dor de cabeça, dor de estômago e febre. A partir destes conhecimentos, criaram tratamentos a base de plantas medicinais, além de terem desenvolvido técnicas cirúrgicas, como a trepanação. Além disso, os egípcios contribuíram para o avanço do conhecimento astronômico. O faraó Amenhotep IV foi o primeiro a tentar estabelecer um calendário solar, baseado na observação dos ciclos da Lua. Os egípcios também desenvolveram um sistema de numeração baseado em unidades, dezenas, centenas e milhares. Estas descobertas permitiram aos egípcios desenvolver cálculos matemáticos mais avançados, como a geometria, álgebra e aritmética. Portanto, é possível concluir que os antigos egípcios foram responsáveis por muitos dos avanços científicos da época. Seus conhecimentos médicos, matemáticos e astronômicos permitiram o desenvolvimento de muitos dos princípios científicos fundamentais que ainda são usados hoje.

Sugere-se que seja feito um levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos sobre o tema e ao término da sequência a verificação dos conhecimentos adquiridos.



**JOGO EDUCACIONAL: Vários mundos a conhecer num continente apelidado de África.**